

---

## JUSTIÇA E PROFECIA

---

### A SERVIÇO DA VIDA\*

---

---

---

Pedro Kramer\*\*

*Resumo: o estudo do tema “justiça e profecia a serviço da vida” compõe-se de duas partes. Na primeira, o autor destaca o ensinamento e a vivência da justiça e da profecia por Jesus no evangelho segundo Mateus. Na segunda parte, ele interpreta um oráculo do profeta Sofonias. Este profeta urbano e de origem africana apela para a procura inadiável de Iavé, da justiça e da pobreza como possibilidade de salvação.*

*Palavras-chave: Justiça. Profecia. Pobreza. Vida.*

**A** reflexão sobre esse tema compõe-se de duas partes. Na primeira abordamos o assunto referente à justiça e à profecia a serviço da vida no Evangelho segundo Mateus. Aqui enfocamos a compreensão, o ensinamento e a vivência da justiça e da profecia por Jesus. E na segunda parte tomamos conhecimento da compreensão, do ensinamento e da vivência da justiça e da profecia a serviço da vida por Sofonias, um profeta do Antigo Testamento, no século VII a.C., provavelmente de origem africana, que exerceu sua missão profética sobretudo em Jerusalém.

## JUSTIÇA E PROFECIA A SERVIÇO DA VIDA NO EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

O Sermão da Montanha (Mt 5-7) é o primeiro dos cinco grandes discursos no evangelho segundo Mateus. Ele se compõe, segundo o comentarista Sand (1986, p. 100), de vários assuntos:

- 1) Mt 5,1-12: As bem-aventuranças; Mt 5,13-16: Os bem-aventurados com luz e sal.
- 2) Mt 5,17-48: A justiça maior.
- 3) Mt 6,1-34: O agir justo nas boas obras (vv. 1-18), na renúncia à propriedade (vv. 19-24) e na confiança em Deus Pai (vv. 25-34).
- 4) Mt 7,1-27: Relações comunitárias: na vivência do amor (vv. 1-6), na oração (vv. 7-11), no caminho certo (vv. 12-14), com falsos profetas (vv. 15-23) e na ação certa (vv. 24-27).

### Justiça e Profecia nas Bem-aventuranças em Mt 5,1-11

O portão de entrada ao Sermão da Montanha são as oito ou nove bem-aventuranças. Em Lc 6,20-23 encontram-se quatro bem-aventuranças e em 6,24-26 quatro maldições. É bem provável que o redator do Evangelho segundo Lucas já tenha encontrado nas suas comunidades o texto contendo as quatro bem-aventuranças e as quatro maldições. O evangelista Mateus certamente reelaborou este texto lucano formando a lista de oito ou de nove bem-aventuranças.

Lendo o texto das bem-aventuranças com atenção, vamos perceber que elas têm formulações variadas. A primeira bem-aventurança no v. 3 corresponde com a no v. 10. Estas duas não contêm uma promessa, mas uma decisão. Assim, aos pobres em espírito e aos perseguidos por causa da justiça está determinada a pertencido Reino dos Céus: *porque deles é o Reino dos Céus*. Enquanto que o texto de formulação das bem-aventuranças nos vv. 4 a 9 pertence a um outro tipo. Os felizardos aqui mencionados são contemplados respectivamente com uma promessa. Ao passo que a última bem-aventurança tem, nos vv. 11-12, um tipo de formulação que ainda se distingue das anteriores. Jesus se dirige a eles de modo direto: *Quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim*. As agressões hostis são dirigidas aos discípulos por causa da sua opção por Jesus: *por causa de mim* (v. 11). A ‘recompensa’ pela fidelidade deles nesta hora de sofrimento é genérica: *grande*.

O comentarista Sand (1986, p. 102) é do parecer que esta bem-aventurança supõe outro contexto histórico das demais bem-aventuranças. Nesta bem-aventurança, Jesus já está alertando seus ouvintes a respeito das consequências para aqueles e aquelas que se decidirem por ele e pela proposta do Reino dos Céus. Na última bem-aventurança, Je-

sus está prevenindo seus discípulos e suas seguidoras que sua sorte poderá ser como a dos profetas do Antigo Testamento, que também foram perseguidos e mortos. Em vista disso, Jesus não só promete o Reino dos Céus aos que são perseguidos e mortos por sua causa, mas que eles o herdarão. Eles, de fato, serão seus cidadãos e o possuirão.

Mesmo que as nove bem-aventuranças tenham tipos e jeitos de formulação diferentes, o ambiente cultural é semita e o pano de fundo histórico é judaico. Em vista disso, pode-se concluir que foi o redator do Evangelho de Mateus que retrabalhou literariamente a composição das nove bem-aventuranças para cristãos e cristãs convertidos do judaísmo. Isto igualmente se percebe no conteúdo das bem-aventuranças porque, em duas delas, ele alude a seu tema central que é a justiça e a profecia a serviço da vida. a) Em vista disso, para Jesus, a justiça é tão importante, tão necessária e tão indispensável para a vida como é a comida e a bebida. Isto ele proclama em uma das bem-aventuranças: *Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados* (Mt 5,6). Todos nós experimentamos na nossa própria vida que, de tempos em tempos, nós sentimos apetite e vontade de comer e beber. E se nós não saciamos a fome por comida e a sede por bebida, nós vamos morrer. Assim nós não temos condições de sobreviver. À essa necessidade básica para uma vida sadia e digna, Jesus compara a justiça. Portanto, sem justiça para comigo mesmo, para com os outros e para com a natureza, a criação do nosso bom Deus, não há condições de vida digna, saudável e contínua no nosso mundo. A vivência da justiça está, no mínimo, tão a serviço da vida como a comida e a bebida. Elas são simplesmente indispensáveis para a nossa vida.

O mesmo pode-se dizer da profecia. Porque a bem-aventurança de Jesus em Mt 5,6 é um verdadeiro oráculo profético. A bem-aventurança de Jesus anuncia, declara e comunica, de um lado, que vida digna e possível só há quando houver a vivência, a promoção e a defesa da justiça. E, por outro lado, a bem-aventurança de Jesus denuncia, questiona e condena os praticantes da injustiça. Porque a ação deles dirige-se frontalmente contra a vida e contra as relações de qualidade entre as pessoas e com Deus.

b) A bem-aventurança de Jesus em Mt 5,6 é verdadeiramente um legítimo anúncio profético. Ele é confirmado na bem-aventurança de Jesus em Mt 5,10: *Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céus*. Nesta bem-aventurança, Jesus está falando da sua própria experiência. Porque ninguém neste mundo

fez da justiça uma bandeira de luta do que Jesus de Nazaré. Ele sofreu na própria pele as perseguições dos injustos, corruptos e exploradores do povo. Ele foi a maior vítima da injustiça que a história conheceu. Não é mero acaso que ele tenha acrescentado a bem-aventurança que declara felizes e bem-aventurados os e as que são perseguidos por causa da justiça. Jesus não é ingênuo. Ele sofreu na própria carne as consequências do seu engajamento pela justiça e da sua promoção. Sua vida, mística e espiritualidade estavam sempre a serviço da justiça porque a justiça está verdadeiramente a serviço da vida. A respeito disso, o biblista Ivo Storniolo escreve: “Jesus anuncia o Reino de Deus e parte para a ação, mostrando que a justiça do Reino liberta a todos os que estão esmagados e diminuídos pela injustiça. Ao ver isso, todos vêm ao seu encontro, pois todos estão sedentos da justiça que os levará à liberdade e à vida” (STORNIOLO, 1990, p. 52).

#### Justiça e Profecia: o programa de Jesus no evangelho segundo Mateus

A primeira palavra de Jesus no Evangelho segundo Mateus refere-se à realização de toda a justiça. Ela não só resume seu programa de vida e de missão, mas também de João Batista (Mt 21,32) e de toda a pessoa batizada em nome de Jesus: *Deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça* (Mt 3,15). O termo e o tema ‘justiça’ são realmente centrais no Evangelho de Mateus. Isto se confirma e se percebe porque o texto, Mt 3,14-15, não se encontra nos outros evangelhos. Os vv. 14s são uma interpolação do redator de Mateus no relato do batismo de Jesus em Mt 3,13-17 (KONINGS, 2005, p. 22). Eles contêm a linguagem tipicamente mateiana.

Com esta adição, o redator quer explicitar que o programa de vida e de missão de Jesus é a realização e a vivência da justiça em todas as dimensões. Isto transparece claramente no diálogo de João Batista com Jesus. Ele reconhece a infinita superioridade de Jesus em relação a si mesmo. Por isso, ele procura despistar o desejo de Jesus, propondo a inversão dos papéis: *Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim?* (v. 14). É exatamente neste contexto que sai da boca de Jesus sua primeira frase em Mt: *Deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça* (v. 15). Talvez nos surpreenda que Jesus, nesta sua primeira palavra no evangelho de Mateus, empregue o pronome na primeira

pessoa do plural ‘nos’: *nos convém*. A intenção do evangelista, com esse pronome pessoal *nos*, é certamente esta: não só Jesus, mas também João Batista deve realizar toda a justiça. E não só eles dois. Também toda a pessoa batizada no nome de Jesus, após sua opção por ele na fé, tem como missão fundamental, decorrente de seu batismo, realizar e vivenciar toda a justiça. Portanto, o programa de vida e de missão de Jesus é também o programa de vida e de missão de João Batista (Mt 21,32) e é igualmente o programa de vida e de missão para toda a pessoa que opta por Jesus, deixando-se batizar.

No diálogo entre João Batista e Jesus, que culminou no batismo de Jesus por João, surge um problema para os primeiros cristãos. Como pode Jesus, que é sem pecado, receber o batismo para a remissão dos pecados. Isto não parece ser problema para o evangelista porque, com o batismo de Jesus, ele quer destacar a solidariedade dele com os pecadores. Em vista disso, ele entra na fila dos e das que eram batizados por João. Ivo Storniolo, refletindo sobre isso, escreve: “Primeiro Deus vem até nós e, embora sem qualquer compromisso com o pecado, faz-se um de nós para nos libertar do pecado e nos levar para o Reino de Deus. Descobrimos aqui a grandeza da solidariedade de Deus” (STORNILO, 1990, p. 39s).

A primeira frase de Jesus em Mt e o batismo de Jesus por João fazem brotar ainda uma outra constatação. João percebe a super eminência de Jesus em relação a si mesmo. Em vista disso, ele pede a Jesus para ser batizado por ele. Isto corresponderia com a nossa lógica: cada um no seu devido e respectivo lugar. Mas, aqui Jesus quebra essa lógica e acaba com ela. Porque Jesus, de fato, o maior e o mais importante se submete ao menor e ao menos importante. Este seu gesto e exemplo tornam-se também programa de vida e de missão de Jesus. Porque, mais tarde, ele vai retomar este ensinamento, dizendo a seus discípulos: *Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro entre vós, seja o vosso servo* (Mt 20,25-27). O biblista A. Sand resume esses pensamentos assim: “A justiça, a ser cumprida, torna-se programa de Jesus; ele já o comunica ao Batista, no seu primeiro encontro com ele, como o único importante, ao qual todo o resto tem importância subordinada” (SAND, 1986, p. 70).

## Justiça e Profecia em alguns Textos do Sermão da Montanha

A perícopre, Mt 5,17-20, exceto o v. 18 que também pode ser lido em Lc 16,17, só se encontra no evangelho de Mateus. Ela é material próprio dele. Ela explicita a posição de Jesus em relação à Lei. O redator de Mateus declara, de modo categórico, a postura de Jesus em relação à Lei: *Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento* (v. 17). Jesus, portanto, não veio só para ensinar a Lei, mas para observá-la, pondo-a em prática. E não só isso. Para ele, é fundamental a interpretação, a atualização e a concretização da Lei feita pelos profetas nos seus oráculos no decorrer da história.

É neste contexto que Jesus relaciona, com a observância da Lei, sua exigência da justiça maior que ele pede de seus discípulos e de suas seguidoras, como condição para entrar no Reino dos Céus. E, além disso, para Jesus não basta qualquer compreensão e vivência da justiça. A que ele vive e propõe a seus discípulos e às suas seguidoras não se esgota na observância de leis, normas e práticas. Mesmo, amais justa correspondência e adequação a elas é, para ele, muito pouco. É óbvio que nós necessitamos de leis, normas e mandamentos, mas a vida os ultrapassa e está acima deles. Por isso, Jesus afirma: *Eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus* (Mt 5,20). Ninguém nega que os escribas e fariseus fossem gente boa. Eles acreditavam em Deus e observavam escrupulosamente bem as leis de seu tempo. Agindo assim, eles achavam que estivessem fazendo a vontade de Deus e que era justamente isso que Deus estava pedindo deles. Eles, no entanto, sofriam de um mal capital. A lei, por melhor que seja, não consegue abarcar todas as situações da vida. Esta pede de mim ou de nós atitudes e ações de justiça que talvez não se encontram nos catálogos legais. Jesus explicita isto muito bem na história do bom samaritano em Lc 10,29-37. Neste texto, a questão básica é: quem é meu próximo. E Jesus responde: próximo é todo aquele e toda aquela de quem eu me aproximo. A possibilidade de encontros com pessoas é infinitamente grande. A lei, por melhor que seja, não consegue legislar toda essa gama de encontros possíveis.

Além disso, a justiça maior do Reino dos Céus, como Jesus a entende, ensina e pratica, é muito mais exigente do que a justiça que os es-

cribas, fariseus e as pessoas em geral praticavam. Porque somente a vivência da justiça maior e perfeita pode trazer liberdade e vida para todos. Esta justiça maior e perfeita, Jesus e explicita em seis exemplos, todos eles tirados do Pentateuco, ou seja, da Lei do Antigo Testamento. Esses seis exemplos estão elencados em Mt 5,21-48. Eles também são chamados de antíteses. Porque a tese é o texto legal do Pentateuco e a antítese é a opinião de Jesus, apresentada com autoridade, firmeza e muita convicção. O evangelista Mateus os descreve deste modo: *Ouvistes que foi dito aos antigos: ... Eu, porém vos digo: ...* Conforme o exegeta A. Sand, esta forma de se expressar era típica entre os rabinos daquele tempo quando eles davam sua opinião pessoal no sentido de interpretar e de concretizar uma lei (SAND, 1986, p. 109).

Seguindo este tipo de argumentação, Jesus dá alguns exemplos, todos eles referentes às relações humanas. Neles Jesus, como o Mestre dos mestres, transmite sua compreensão da justiça maior, completa e perfeita. O primeiro caso que Jesus analisa refere-se à proibição de matar e de se encolerizar (vv. 21-26). A seguir ele trata da proibição do adultério e do desejo de posse da mulher (vv. 27-30), do divórcio (vv. 31-32), do juramento falso (vv. 33-37), da vingança (vv. 38-42) e do ódio ao inimigo. Quanto ao último exemplo dado por Jesus, referente ao amor ao próximo e ao ódio ao inimigo, deve ser dito que em nenhum livro do Antigo Testamento encontra-se a afirmação de que se deve odiar o inimigo. Por outro lado, percebe-se aqui bem claro como a justiça maior, completa e perfeita de Jesus exige a conversão do coração e a mudança de mentalidade e de prática. Porque não é nada fácil para qualquer pessoa amar o inimigo e rezar pelos que nos perseguem. Ainda mais porque, segundo nossa tendência humana, o mais natural é revidar e pagar quem nos ofende com a mesma moeda. Mas, se pensarmos bem, nós vamos nos convencer de que, de fato, só a atitude exigida por Jesus contribui para a liberdade e a vida de todos. A respeito disso, I. Storniolo escreve: “Amar os inimigos acaba com qualquer romantismo e, ao mesmo tempo, mostra que o amor é capacidade de se relacionar com conflitos aparentemente insolúveis” (STORNILO, 1990, p. 59).

Os e as que optaram pela justiça como um serviço à vida bem como os e as que a assumiram como mística e espiritualidade têm em quem se inspirar: no próprio Deus. Sua bondade se revela aos justos e injus-

tos fazendo o sol nascer e a chuva cair, mantendo assim as pessoas e a natureza com vida. Sua imensa bondade enche a boca dos justos no louvor e na ação de graças pelos seus inúmeros benefícios. Essa mesma bondade e ternura de Deus para com os injustos devem provocar neles o apelo aserem tão bons como ele é. Percebemos assim que Deus, de fato, não tem inimigos, mas ama a todas as pessoas de modo indiscriminado (Mt 5,43-48), como só ele sabe amar.

O binômio ‘justo – injusto’ é, segundo o biblista Sand (1986, p. 121), um tema central no evangelho de Mateus. Isto ele percebe não só no uso frequente nesse evangelho, mas também porque estes dois termos o perpassam do início ao fim: Mt 9,13; 10,41; 13,17; 13,43; 23,28; 25,37.46. Ser justo na relação com Deus, com as pessoas e com a natureza, é, segundo a ótica de Jesus, um vigoroso apelo profético seu. Porque, é na vivência da justiça assim entendida e definida que a pessoa se torna filho e filha de Deus e irmão e irmã de Jesus.

Em vista disso, Jesus critica fortemente aqueles e aquelas que apenas praticam a justiça de modo hipócrita, só para serem vistos e elogiados pelas pessoas, tanto na esmola como na oração e no jejum (Mt 6,1-18). Porque, para ele, a justiça e seu Reino de justiça devem ser o centro em torno do qual tudo deve girar na vida das pessoas. Em vista disso, Jesus se torna categórico: *Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas vos serão acrescentadas* (Mt 6, 33).

Jesus é, de fato, o Justiceiro de Deus Pai. Por isso, seu programa de vida e de missão neste mundo, desde seu batismo por João nas águas do rio Jordão (Mt 3,15; 21,32) até a sua volta para o último julgamento, era chamar os pecadores à conversão e ao caminho da vivência da justiça. Em vista disso, ele enfrenta os fariseus, seus ferozes opositores, justificando e legitimando sua ação evangelizadora através desta afirmação vigorosa: *Eu não vim chamar justos, mas pecadores* (Mt 9,13). Que a vivência da justiça era, para ele, um grande serviço à vida das pessoas percebe-se claramente no tríplice ministério de Jesus às multidões, as grandes vítimas da injustiça do seu tempo: *Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor* (Mt 9,36). Em vista disso, ele entra nas sinagogas e aí ensina aos líderes judeus e aos que a frequentavam para que a religião judaica e seu culto voltassem a ser um serviço à justiça e assim à vida: *Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de do-*

*enças e enfermidades* (Mt 9,35). Sua paixão pela justiça e pelo Reino de Deus era insaciável. Ele é, de fato, o maior bem-aventurado porque ele realmente tinha fome e sede de justiça.

Que a justiça e a profecia estão a serviço da vida transparece claramente na história que Jesus conta em Mt 20,1-16. A atitude do pai de família, que representa Deus Pai, questiona também a nossa compreensão comum de justiça, especialmente no pagamento dos trabalhadores e funcionários. Nosso senso de justiça é regido pelo pagamento de acordo com o número de horas trabalhadas. Nós não nos preocupamos com a vida da pessoa, se ela com o que recebe, pode ou não viver. Se o pai de família da nossa história agisse com nós agimos, então ele não deveria pagar, aos que trabalharam apenas uma hora por dia, o mesmo que para aqueles que trabalharam o dia inteiro. Mas, não! O pai de família, que representa a Deus, não age como nós agimos. A sua compreensão e vivência da justiça estão voltadas para a vida e a vida em plenitude das pessoas. Por isso, para que todos pudessem à noite se alimentar e viver, ele paga para todos umdenário. Mesmo, sob o protesto maciço dos que trabalharam o dia inteiro, porque se sentiram injustiçados (Mt 20,11-15). E talvez, sob o nosso protesto também.

A justiça e a profecia a serviço da vida são o critério do julgamento final sobre a nossa vida em Mt 25,31-46. Jesus, o juiz justo e universal, vai justamente nos perguntar e nos examinar se a nossa vivência da justiça esteve a serviço da vida das pessoas, sobretudo das mais pobres e excluídas. Isto transparece claramente na pergunta dos justos ao juiz Justiceiro (Mt 25,37-40) e na condenação daqueles e daquelas que não praticaram a justiça como um serviço à vida (Mt 25,41-45). A condenação e a salvação acontecem na medida da vivência ou não da justiça a serviço da vida, especialmente dos mais pobres.

Diante dos exames as pessoas, em geral, têm medo e ficam tensas e nervosas. Isto é talvez motivado porque as perguntas do professor são desconhecidas. Mas, diante do examinador Jesus Cristo nós não precisamos ter medo porque nós já conhecemos as perguntas sobre as quais ele vai nos examinar. E todas elas versam sobre a justiça e a profecia a serviço da vida.

Vamos refletir: À luz dos textos bíblicos acima comentados, qual é a minha compreensão e vivência da justiça? Que luzes, inspirações e lições brotam em mim a partir desses textos? Que desafios e consequências esses textos provocam em mim?

## JUSTIÇA E PROFECIA A SERVIÇO DA VIDA NO LIVRO DO PROFETA SOFONIAS

O tema do nosso estudo, a justiça e profecia a serviço da vida, aparece em muitos livros do Antigo Testamento. Em vista do restrito espaço disponível, limitamo-nos apenas ao livro do profeta Sofonias. E mesmo neste livro, devemos restringir a nossa pesquisa a apenas uma perícope, Sf 2,1-3. Antes, no entanto, de analisar o conteúdo deste texto, parece-nos importante oferecer algumas informações gerais sobre a pessoa do profeta Sofonias e de seu tempo e lugar de atuação. Este contexto histórico é importante para compreender melhor a mensagem do profeta em Sf 2,1-3.

Sofonias: um profeta de origem africana?

O nome hebraico *tzefanya*, ‘Sofonias’ é a abreviação da forma mais longa do nome *tzefanyahu*, ‘Sofoniahu’. A forma mais longa do nome só aparece em Jr 37,3 e 2Rs 25,18. O nome Sofonias significa ‘Iavé escondeu/ocultou para proteger’, no sentido do Sl 27,5: *Pois ele me oculta na sua cabana no dia de infelicidade; ele me esconde no segredo de sua tenda, e me eleva sobre uma rocha*. O nome do profeta parece sintetizar toda a sua mensagem num programa cheio de esperança para aqueles e aquelas que procuram a justiça e a pobreza. Assim, *talvez sejais protegidos no dia da ira de Iahweh* (Sf 2,3b), isto é, escondidos, ocultados, abrigados e refugiados por Iavé (Sf 3,12s). Este é o sentido do nome Sofonias. Para H. Irsigler (*apud* SAND, 1986, p. 100), o nome Sofonias aparece em livros diferentes: Sf 1,1; Jr 21,1; 29,25.29; 52,24; Zc 6,10.14; 1Cr 6,21. Além disso, o nome Sofonias é, para ele, bem atestado em textos extrabíblicos, sobretudo do século VIII ao VI a.C. (SAND, 1986, p. 100).

No Antigo Testamento há quatro pessoas diferentes que têm o mesmo nome Sofonias. Primeiramente o profeta, Sf 1,1, a quem o livro de Sofonias é atribuído. Em segundo lugar, um sacerdote muito influente, é chamado de Sofonias, filho de Maasias (Jr 21,1; 29,25-29; 37,3; 52,24; 2Rs 25,18). Ele atuava no templo de Jerusalém durante o reinado de Sedecias (597-587 a.C.). Além destes, um judeu importante, que voltou para Jerusalém do exílio na Babilônia, também é chamado de Sofonias (Zc6,10.14). E, por último, aparece um senhor da família de cantores com o nome de Sofonias (1Cr 6, 18-21).

Para H. Irsigler (*apud* SAND, 1986, p. 100), é muito estranho, no Antigo Testamento, o profeta Sofonias ter quatro gerações de antepassados, explicitamente citados. O nome do seu avô Godolias, do bisavô Amarias e do tataravô Ezequias são muito comuns no Reino de Judá. Esses três nomes são formados pela abreviação *ia* de Ia<vé, a primeira parte do nome do Deus Iavé. Assim Godol<*ia* quer dizer ‘Iavé é grande’, Amar<*ia* significa ‘Iavé falou’ e Ezequ<*ia* tem o significado de ‘Iavé é forte’.

Há exegetas que pensam que Sofonias seja descendente do rei Ezequias. O motivo de relacionar o tataravô com o rei Ezequias estaria no fato de mencionar os dois reis que fizeram reformas muito importantes na vida do povo de Israel. O rei Ezequias (725-696 a.C.) encabeçou uma reforma religiosa e política na passagem do século VIII para o VII a. C. e o rei Josias (640-609 a.C.) fez o mesmo, na segunda parte do século VII a.C. Para Irsigler (2002, p. 86), no entanto, isto é muito pouco provável, pois Ezequias não é mencionado, em Sf 1,1, com o título de ‘rei’. E na bíblia siríaca, a tataravô de Sofonias é chamado de Elequias. Portanto, o tataravô de Sofonias não é o rei Ezequias, relacionando o profeta com a nobreza davídica do Reino do Sul. A razão maior de mencionar três nomes javistas, como antepassados do profeta Sofonias, provém certamente de Dt 23,8s. Aqui se prescreve que apenas os egípcios da terceira geração de descendentes *terão acesso à assembléia de Iahweh* (v. 9). Isto, então, quer dizer que o pai de Sofonias, Cusi, é um judeu legítimo e fiel seguidor de Iavé, como atestam seus três antepassados com nome javista.

As observações feitas acima, sobre os três antepassados de Sofonias com nomes javistas, tinham como objetivo chamar a atenção para o fato estranho e único na indicação dos antepassados do profeta. E tudo isso parece ter sua razão de ser, pois o nome do pai de Sofonias é muito estranho. Em hebraico, ele se chama *kuchi*. A Bíblia de Jerusalém o translitera para Cusi. É Cusi, um nome de pessoa ou é ele um apelido para pessoas que tenham a pele parda ou mulata? Cusi como nome de pessoa, além de Sf 1,1, aparece ainda em Jr 36,14, onde se fala de um ‘Selemias, filho de Cusi’. Só nestas duas passagens do Antigo Testamento, Cusi aparece como nome de pessoa. Aliás, Cusi, como nome de pessoa, só é, para Irsigler (2002, p. 86s), ainda mencionado num selo hebraico que os arqueólogos datam no século VII ou VI a.C.

O temo hebraico *kuchi*, como um adjetivo ou um atributo de alguém, aparece mais vezes no Antigo Testamento no sentido de ‘cuchita’. Este é um habitante ou descendente da região de Cuch, entre o Egito e o Sudão. Ele é, então, um ‘núbio’ ou um ‘etíope’. Em 2Sm 18,21-32 um escravo de Joab é designado de ‘cuchita’. Em Jr 38,7-13; 39,16-18 menciona-se um servo, cujo nome é Ebed-Melec. Ele é cuchita. Ele serve na corte no tempo do rei Sedecias (597-587 a.C.) e liberta o profeta Jeremias da cisterna. Ela era um tipo de prisão. Jeremias se dirige ao cuchita Ebed-Melec com um oráculo de salvação. Em Nm 12,1 destaca-se o casamento de Moisés com uma mulher cuchita. E em 2Cr 14,8 fala-se de um chefe cuchita pertencente a um grupo tribal no sul da Palestina. Irsigler (2002, p. 87) acrescenta ainda que a 25ª dinastia no Egito, entre os anos 750 a 664 a.C., era formada por pessoas da Núbia ou da Etiópia. Assim poderia ter havido relações diplomáticas, militares e comerciais entre os israelitas e as lideranças da 25ª dinastia no Egito. Além disso, a presença de cuchitas é também atestada na Fenícia e no país de Aram.

Essas informações todas levam Irsigler (2002, p. 87) a aventar também a possibilidade de que o termo ‘cuchita’ poderia ter sido aplicado para alguém que tenha a pele parda ou mulata, como uma espécie de apelido. E isto seria, para ele, muito provável durante a existência da 25ª dinastia dos cuchitas ou núbios ou etíopes no Egito. Em 2Rs 18,21 diz-se que o rei Ezequias confiava no Egito na guerra contra os assírios. Ora, o Egito nesta época era governado pelos chuchitas. Então, pode-se deduzir que havia relações diplomáticas, militares, comerciais e culturais entre esses dois reinos. E assim era possível e normal a presença de cuchitas no Reino do Sul. Em vista disso, não é nada estranho e impossível que Godolias, o avô de Sofonias, tenha se casado com uma mulher cuchita, cujo filho recebeu o nome de ‘Cusi’. Se isto for verdade, então Sofonias, filho de Cusi, poderia ter pele, aparência e sangue cuchita, núbio ou etíope. E assim ele poderia ser considerado de origem africana. Esta hipótese é corroborada pelo fato de que, no livro do profeta Sofonias, o termo ‘cuch’ aparece três vezes: Sf 1,1; 2,12; 3,10.

O que podemos deduzir das informações sobre os antepassados e a pessoa do profeta Sofonias? Parece-nos que primeiramente podemos concluir que o profeta Sofonias é uma pessoa muito importante. A importância de alguém pode ser medida pela sequência mais ou menos longa de antepassados. Ele é o único profeta do AT do qual

conhecemos quatro gerações de ancestrais, nominalmente citados. Além disso, os nomes de três gerações de antepassados estão profundamente relacionados com o Deus Iavé, pois são nomes javistas: Godol>ias, Amar>ias e Ezequ>ias. Disto podemos supor que o profeta Sofonias, a partir de seus antepassados, conhecia muito bem o Deus Iavé, o Deus Libertador e o Deus do êxodo dos israelitas do Egito e procurava viver segundo o Projeto de Iavé. O nome de seu pai Cusi, ‘cuchita’, relaciona talvez o profeta Sofonias com o Egito, com sua origem africana. A partir de tudo isso, é bem provável e nada impossível de que o profeta Sofonias tinha uma grande intimidade e uma profunda vivência com o Deus Iavé, o Deus Libertador da escravidão egípcia. Este contexto religioso, familiar e cultural é certamente a fonte donde brotou sua vocação profética, colocando-se inteiramente ao serviço do Deus Iavé e tornando-se seu porta voz, para denunciar novas escravidões das lideranças israelitas em Jerusalém e no Reino de Judá. É esta origem israelita e cuchita de Sofonias que certamente o fez não só um profeta com o anúncio da busca da justiça e da pobreza e a denúncia das injustiças das lideranças e de certos grupos israelitas, mas também um porta voz internacional de Iavé com oráculos de desgraça para cidades da Filistéia (Sf 2,4-6), para os cuchitas (Sf 2,12) e para a Assíria e sua capital Nínive (Sf 2,13-14). Lamentamos aqui o silêncio a respeito das mulheres, com quem os ancestrais de Sofonias estavam casados.

O profeta Sofonias não diz nada a respeito do tempo em que ele atuou como profeta. Se for verdade que ele exerceu sua missão profética entre os anos 630 e 625 a.C., então pode-se supor que ele tenha nascido por volta do ano 650 a.C. Será que ele não atuava mais como profeta ou talvez já tinha morrido quando o rei Josias enviou a delegação à profetisa Hulda para consultá-la se o ‘livro da Lei’, encontrado no templo no ano 622 a.C., era legítimo e verdadeiro (2Rs 22,11-20)? Mas, por outro lado, é interessante que o rei Josias também não enviou a delegação para consultar o profeta Jeremias que, neste tempo com toda a certeza, atuava como profeta.

E, finalmente, podemos afirmar que o profeta Sofonias, com toda a certeza, fazia parte do movimento daqueles e daquelas que procuravam a Iavé e buscavam a justiça e a pobreza (Sf 2,3b) e deles era porta voz (SOARES, 1989, p. 21-5). E em vista disso, ele denuncia as graves injustiças das lideranças urbanas de Jerusalém em Sf 3,1-5. Estas se tornaram como o faraó do Egito que igualmente explorava e escravi-

zava os israelitas. O êxodo de seus contemporâneos empobrecidos e excluídos ele anuncia quando, durante sua atuação, já entoava o canto fúnebre dirigido à elite urbana de Jerusalém: *Ai da rebelde, manchada e tirânica cidade.*

Sofonias: um profeta urbano

- a) Em Sf 1,1 diz-se que o profeta Sofonias atuou no tempo do rei Josias (640-609 a. C.). No âmbito internacional, no Egito, há pouco, acabou a 25ª dinastia cuchita ou núbica ou etíope que dominou o Egito, durante quase um século, desde 750 até 664 a.C. Ela teve fim quando os assírios invadiram a capital Tebas no ano de 664 a.C. (Sf 2,12). O rei Ezequias (725-696 a.C.) teve relações diplomáticas, militares e comerciais com os cuchitas.

Na Mesopotâmia, a Assíria era a potência que dominava o mundo. Desde 733 a.C., o Reino de Judá, no tempo do rei Acáz (734-726 a.C.), tornou-se um país dominado pelos assírios e obrigado a pagar pesados tributos a eles. Em 622 a.C., no tempo do rei Josias, foi declarada a independência do Reino do Sul. Isto aconteceu porque, com a morte do rei assírio Assurbanipal (669-627 a.C.), em 627, a Assíria começou a entrar em decadência. Durante os cem anos de dominação assíria sobre a população israelita, esta foi fortemente influenciada pela economia, política, cultura e religião dos assírios, como nos atestam dois oráculos de Sofonias: *Estenderei minha mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém, aniquilarei deste lugar o resto de Baal, o nome dos sacerdotes dos ídolos, os que se prostram nos telhados diante do exército dos céus, os que se prostram diante de Iahweh, mas juram por Melcom. ... Acontecerá que, no dia do sacrifício de Iahweh, visitarei os príncipes, os filhos do rei e os que se vestem com roupas estrangeiras. Visitarei naquele dia, todos os que saltam o Degrau, todos os que enchem a casa de seu senhor com violência e com fraude* (Sf 1,4s.8s). Contra a Assíria e Nínive, o profeta Sofonias tem mais um oráculo: *Ele estenderá a sua mão contra o Norte e destruirá a Assíria; fará de Nínive uma devastação, uma terra árida como o deserto. Em seu meio repousarão os rebanhos, animais de toda a espécie, até o pelicano, até o ouriço passarão a noite entre os seus capitéis, a coruja gritará na janela, e o corvo na soleira, porque o cedro foi arrancado* (Sf 2,13s). Nínive foi conquistada pelos babilônios em 612 a.C.

A dominação da Assíria sobre o Reino de Judá, durante o reinado de Manassés (696-642 a.C.), era sentida em todas as camadas sociais e afetou não só a religião oficial, mas até a piedade popular. O redator deuteronomista avalia esse rei como o mais idólatra e assassino de todos (2Rs 21,1-18). As escavações arqueológicas deste período, no entanto, nos informam que neste tempo havia uma relativa calma na política e uma relativa prosperidade econômica; o mesmo também testemunham alguns oráculos de Sofonias. Em Sf 1,10s.12s mencionam-se a ‘cidade nova’ e os ‘habitantes de Mactes’ que eram bairros da cidade de Jerusalém bem como fala-se da ‘riqueza, de casas e de vinhas’ que serão destruídas. Esses oráculos de juízo se concretizaram em 597 e 587 a.C. quando os babilônios destruíram Jerusalém, seus muros, seu templo e suas casas, certamente em meio a ‘gritos, urros e grande ruído’ (Sf 1,10s).

Um marco muito importante para datar a atuação de Sofonias foi o encontro do Deuteronômio original no templo de Jerusalém. Ele, que já fora a base e a orientação da reforma religiosa e política no tempo do rei Ezequias, caiu no esquecimento durante o governo de Manassés e de seu filho Amon. Mas, no décimo oitavo ano do reinado de Josias (2Rs 22,3), isto é, em 622 a.C., o Deuteronômio original foi encontrado e tornou-se a base e a orientação para a reforma religiosa, política e econômica liderada agora pelo rei Josias. Quando ele foi assumido por esse rei, pelas lideranças e pelo povo como a constituição do Reino de Judá, deu-se o grito de independência da dominação da Assíria. Porque o programa básico do Deuteronômio original era a opção única e exclusiva por Iavé com a criação de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos, cujos eixos são a fraternidade/irmandade e a solidariedade, a nível litúrgico e socioeconômico.

Esse contexto histórico como pano de fundo para datar a atuação do profeta Sofonias leva os pesquisadores a três diferentes opiniões. Para Irsigler (2002, p. 67s), Zenger (p. 519) e Bonora (1993, p. 99s), um grupo é do parecer de que Sofonias exercera seu ministério profético em torno do ano 615 a.C. Os biblistas desse grupo julgam que a reforma do rei Josias em 622 a.C. já estivesse obsoleta, por não ter sido levada a sério. Eles, além disso, atribuem Sf 1,4-6 ao redator deuteronomista. Um grupo maior de autores, no entanto, data a atuação de Sofonias durante o governo do rei Joaquim (609-598 a.C.). Eles argumentam que os oráculos contra as nações calhariam melhor neste tempo. O oráculo contra Moab e Amom (Sf 2,8-10)

deve, para ele, já supor a dominação dos babilônios. Este pronunciamento deve ser relacionado com 2Rs 24,2, onde os babilônios incitaram também os moabitas e os amonitas a guerrear contra o Reino de Judá. A expressão ‘o resto de Baal’ em Sf 1,4 alude ao fracasso da reforma do rei Josias, pois esta visava erradicar toda a idolatria do território de Judá, mas no tempo do rei Joaquim pode-se ainda constatar um resto de idolatria. E Sf 1,2: *Iahweh não pode fazer nem o bem nem o mal* é interpretado por eles como decepção após o fracasso da reforma do rei Josias. Todos os argumentos desse grupo visam retardar, o máximo possível, a atuação de Sofonias e relacioná-la na época do domínio dos babilônios, já que a Assíria e Nínive deixaram de existir em 612 a.C.

Há ainda um terceiro grupo de exegetas. Estes datam a realização da missão profética de Sofonias durante o reinado de Josias (640-609 a.C.), partindo da indicação em Sf 1,1. Josias foi coroado rei aos oito anos de idade (2Rs 22,1) e durante sua juventude aconteceu a atuação de Sofonias. O essencial de sua profecia foi proferido antes da reforma do rei Josias em 622 a.C. Sofonias, portanto, deve ter nascido por volta do ano 650 a.C. e exercido seu ministério profético entre os anos 630 e 625 a.C. Isto é, após a morte do rei assírio Assurbanipal em 627 a.C. e antes da reforma do rei Josias em 622 a.C. H. Irsigler se inclui nesse grupo e para defender sua tese apresenta esses argumentos (IRSIGLER, 2002, p. 69; BALANCIN; STORNIOLO, I. 1991, p. 8-10). Os oráculos, Sf 1,4s, supõem ainda no Reino de Judá um culto sincretista de origem aramaica e assíria bem como um estilo de vida assírio na corte de Jerusalém (Sf 1,8s). Entre os endereçados da profecia de Sofonias nunca é mencionado o rei, mas aqueles que governam de fato como os ‘príncipes, os filhos do rei’ (Sf1,8; 3,3s). Isto alude aos tempos da mocidade de Josias. Além disso, o oráculo Sf 2,12 contra os cuchitas, descrevendo a destruição da dinastia cuchita em 664 a.C. por Assurbanipal, se relaciona com o oráculo, Sf 2,13s que, com a morte de Assurbanipal em 627 a.C., anuncia o fim da Assíria e de Nínive e que acontecerá em 612 a.C.

Além disso, o oráculo Sf 2,4s, que descreve a destruição das cidades filistéias, foi certamente proferido por Sofonias quando elas ainda eram dominadas pelos assírios, nos anos 625 a.C. (IRSIGLER, 2002, p. 227-30). Elas depois serão temporariamente dominadas pelos faraós Psamético I (664-610 a.C.) e Neco II (609-595 a.C.). Elas, no entanto, serão conquistadas e destruídas por Nabucodonosor no ano 604 a.C.)

(IRSIGLER, 2002, p. 228). Assim se concretizou a palavra de Deus, mediada por Sofonias, que não só Nínive seria destruída por Nabucodonosor (Sf 2,13s), mas também as cidades filistéias (Sf 2,4s). Isto parece ser confirmado por 2Rs 24,7: *O rei do Egito não saiu mais de sua terra, pois o rei da Babilônia havia conquistado, desde a Torre do Egito até o rio Eufrates, tudo o que pertencia ao rei do Egito.*

Em vista desses argumentos é óbvio que Irsigler (2002, p. 68ss) é contra a datação da atuação de Sofonias por volta do ano 615, pouco antes do fim da Assíria e de Nínive em 612 a.C. e, ainda mais tarde, durante o governo do rei Joaquim (609-598 a.C.), como afirmam dois grupos de exegetas. A expressão ‘o resto de Baal’ em Sf 1,4 não quer dizer, para ele, que a reforma de Josias tenha fracassado, pois há ainda um resto de culto a Baal em 615 ou durante o governo de Joaquim, mas significa que Iavé quer destruir até todo e qualquer resto desse culto ao deus Baal. Além disso, o oráculo contra os moabitas e amonitas em Sf 2,8-10 calha, para ele, melhor no tempo do exílio e não é do profeta Sofonias, como atestam muito bem os textos exílicos em Ez 21,33 e 25,1-7. Também o oráculo Sf 1,12, que fala de um Deus passivo e indiferente, não é um reflexo devido à frustração da reforma de Josias, mas antes descreve a atitude arrogante e prepotente dos ricos em Jerusalém. E o oráculo Sf 1,8s, que supõe ainda a dominação assíria no Reino de Judá, seria pouco provável após a reforma de Josias em 622 a.C. Assim H. Irsigler, rebatendo os argumentos dos dois grupos de biblistas referentes à datação da atuação de Sofonias por volta de 615 a.C. e mesmo mais tarde, reforça sua opinião e a de tantos outros exegetas de que Sofonias, de fato, tenha exercido sua missão profética entre os anos 630 e 625 a.C.

b) Pelos relatos autênticos de Sofonias pode-se deduzir que ele conhecia bem a cidade de Jerusalém, isto é, seus bairros, seus montes, o mercado de peixes e o local onde se comercializa a prata (Sf 1,10s). Ele distingue muito bem os altos mandatários civis, militares e religiosos de Jerusalém e de Judá, isto é, os príncipes, os filhos do rei (Sf 1,8), os juizes, os profetas e os sacerdotes (Sf 3,3s). Ele está bem familiarizado com a prática religiosa dos habitantes de Jerusalém. Ao lado do intenso sincretismo religioso deles (Sf 1,4s), há os que procuram a Iavé, sua justiça e pobreza (Sf 2,3b). Sofonias, no exercício de sua missão profética, se distancia dos profetas de Jerusalém que ele denuncia como *atrevidos e homens da traição* (Sf 3,4a). Estas ligações detalhadas de Sofonias com Jerusalém nos le-

vam a concluir, com Irsigler (2002, p. 89), que ele é um jerusalemita, um profeta urbano e que esta cidade foi o palco de seus oráculos proféticos. Surpreende-nos, no entanto, que Sofonias, nos seus oráculos, nunca se dirige às mulheres e nem as menciona furtivamente.

### Justiça e Profecia em Sf 2,1-3

a) A perícopie, Sf 2,1-3, não só na sua relação literária no livro de Sofonias provoca opiniões divergentes entre os pesquisadores, mas também na compreensão de seu conteúdo. Isto já se percebe nas traduções diferentes do texto hebraico para o português. Na Bíblia editora Vozes/Santuário, 1992, e na Bíblia de Jerusalém, 2002, a perícopie Sf 2,1-3 conclui a primeira parte, Sf 1,2-2,3. O biblista Gorgulho (1989, p. 27) tem a mesma opinião quando escreve que “Sf 2,1-3 seria a conclusão deste pequeno panfleto”. Na parte anterior desse panfleto, Sf 1,7-16, ele detecta um quiasmo palindrômico concêntrico, cujo tema é o ‘dia de Iavé’:

A: Proximidade do ‘dia de Iavé’ (v. 7)

B: Acerto de contas (*pakad*) com a classe dominante (vv. 8s)

C: Ruína de Jerusalém (vv. 10s)

B’: Acerto de contas (*pakad*) com a classe dominante (vv. 12s)

A’: Proximidade do ‘dia de Iavé’ (vv. 14-16)(GORGULHO, 1989, p. 27).

Para o comentarista Irsigler (2002, p. 192), no entanto, o texto Sf 2,1-3 não faz parte da primeira unidade literária, mas da segunda que é Sf 2,1-3,8. Em Sf 2,1-3 encontra-se uma exortação e uma ameaça para o povo de Judá, fundamentada na desgraça vindoura sobre os povos vizinhos (Sf 2,4-15). O sinal desta conexão é o termo hebraico *gôy*, ‘nação, povo’, empregado no singular em Sf 2,1.5a.9f.14a e no plural em Sf 2,11c; 3,6a.8c.

No tocante à compreensão do conteúdo de Sf 2,1-3, que se expressa em diferentes traduções, há também divergências entre os peritos. O exegeta Gorgulho (1989, p. 27) traduz Sf 2,1a assim: *Amontoai-vos, amontoai-vos, ó gente sem vergonha*. A Bíblia Vozes/Santuário, a Bíblia TEB, 1995, e a Bíblia de Jerusalém, 2002, têm quase a mesma versão para o português. O comentarista Irsigler (2002, p. 194-8), no entanto, traduz Sf 2,1a bastante diferente: *Amontoai-vos, amontoai-vos, ó povo que nada aspirais*.

As diferenças surgem da compreensão do substantivo no vocativo com o verbo hebraico no particípio *hagôylo' niksap*, *ó povo que nada aspira*. Qual é o sentido do verbo hebraico *kasap*? Este verbo aparece em Gn 31,30; Jó 14,15; Sl 17,12; 84,3 no sentido de 'suspirar, ter saudade, aspirar'. No Sl 84, que é um salmo de peregrinação, o salmista expressa: *Minha alma suspira e desfalece pelos átrios de Iahweh*. Por isso H. Irsigler, então, traduz a frase no vocativo em Sf 2,1a assim: *Ó povo que nada aspira!* Isto é, o povo que é indiferente, passivo, neutro, que não aspira nada.

Em vista de tudo isto, vamos tentar uma tradução bastante literal:

1 *Amontoai-vos, amontoai-vos, ó nação que nada aspira, 2 antes que seiais espalhados, como palha que desaparece em um dia, antes que venha sobre vós o ardor da ira de Iavé, antes que venha sobre vós o dia da ira de Iavé. 3 Procurai a Iavé todos os pobres da terra que praticais seu direito. Procurai a justiça, procurai a pobreza, talvez sejais protegidos no dia da ira de Iavé.*

b) No espaço limitado de que dispomos, não vamos agora fazer uma exegese de toda esta perícope, mas apenas dos vv. 1 e 3.

O verbo hebraico *qashash*, 'amontoar, juntar em feixes' e o substantivo hebraico *qash*, 'haste do cacho de trigo, cevada ou outro cereal' no v. 1, *amontoai-vos, amontoai-vos, ó nação que nada aspira!*, fazem pensar no corte das hastes com os cachos de cereais na hora da colheita, juntadas em feixes e estes são depois amontoados num lugar determinado. Os cachos de cereais são depois batidos para debulhar seus grãos. Os grãos e a palha são separados quando eles, numa peneira, são jogados para cima em dia de vento forte, formando os montes de grãos e de palha. Segundo Irsigler (2002, p. 201), o profeta Sofonias convoca o 'povo sem aspiração' a se amontoar num lugar como feixes de cereais. Este lugar seriam as cidades fortificadas no território do Reino de Judá, onde a população deste território estaria protegida diante do exército inimigo que vem do norte. Isto o profeta concretiza quando fala da proximidade do 'dia de Iavé' em Sf 1,16: *Dia da trombeta e do grito de guerra contra as cidades fortificadas e contra as ameias elevadas*. Essa convocação externa da população da região rural para as cidades muradas e fortalezas pelo profeta contém, para Irsigler (2002, p. 201s), uma certa dose de ironia. Porque os feixes de cereais quando colhidos indicam uma separação

entre os grãos que são recolhidos e a palha que é espalhada. Assim uma parte da população, abrigada nas cidades fortificadas, será espalhada como palha para o exílio e a outra como trigo será protegida e conservada diante da invasão do exército inimigo. Há dois textos proféticos que descrevem em detalhes a situação à qual Sofonias se refere. Um é Jr 4,5-8. Nos vv. 5s o profeta Jeremias convida a população israelita a se refugiar nas cidades com muro diante do exército inimigo que vem do norte: *Reuni-vos! Entremos nas cidades fortificadas ... Fugi! Não fiqueis parados! Porque eu trago desgraça do Norte, ruína enorme.* E o outro texto é do profeta Habacuc: *Sim, eis que eu suscitarei os caldeus, esse povo cruel e impetuoso, que percorre vastas extensões de terra para conquistar habitações que não lhe pertencem* (v. 6; Hab 1,5-11).

Quem nós devemos imaginar na frase que inicia com o substantivo no vocativo: *Ó nação, que nada aspirais!* (Sf 2,1a)? Irsigler (2002, p. 202s) julga primeiramente que esse ‘povo que nada aspira’ não pode ser idêntico com as pessoas chamadas ‘os pobres da terra’, no v. 3a. Este grupo de pobres se diferencia do ‘povo que nada aspira’ no v. 1a porque ‘os pobres da terra’ aspiram por Iavé, o desejam e o buscam avidamente. Eles, por conseguinte, já praticam o direito, isto é, a ordem estabelecida por Iavé. Este grupo não é como aquele do v. 1a que ‘nada aspira’, e é indiferente, neutro, parado. O grupo destacado em Sf 2,3a destoa de tal maneira do seu contexto atual que faz supor que Sf 2,3a seja um acréscimo posterior. As razões desta suposição apresentaremos mais tarde, quando fizermos a exegese de Sf 2,3a.

Mas, o que entende Irsigler (2002, p. 202) mesmo com a frase: *ónaçoão que nada aspirais* em Sf 2,1a? Ele é da opinião de que este grupo de pessoas da sociedade israelita deva ser comparado com as pessoas em Jr 8,14: *Por que permanecemos tranquilos? Reunamo-nos! Vamos para as cidades fortificadas para sermos ali reduzidos ao silêncio, pois Iahweh nosso Deus nos reduzirá ao silêncio e nos fará beber água envenenada, porque pecamos contra Iahweh.* No texto de Jeremias fala-se também de um povo inativo, parado, tranquilo como em Sf 2,1a. Portanto, na frase *ó povo que nada aspirais* em Sf 2,1a devemos supor uma ampla camada da sociedade que está sem rumo, sem poder de reação e de decisão. Vive na letargia e passividade. É exatamente esta parte da população israelita que Sofonias quer sacudir, questionar e desafiar com o oráculo em Sf 2,1-3. Isto

ele faz concretamente no v. 3b convidando, exortando, apelando a ‘procurar a justiça e a pobreza’, porque somente assim ‘talvez’ ele será protegido e abrigado por Iavé no dia da concretização de sua ira. Para Irsigler (2002, p. 203) os dois verbos hebraicos *kasap*, ‘aspirar, suspirar, ter saudade’ e *baqa*⁻, ‘procurar, buscar avidamente’, se complementam muito bem.

Será que não dá para concretizar ainda mais, quem devemos subentender na expressão *ó nação que nada aspirais*? Irsigler (2002, p. 203) é da opinião de que o grupo de pessoas de Sf 2,1a não tem nada a ver com os grupos de pessoas em Sf 1,4-6.8-13, especialmente com aqueles e aquelas prepotentes que dizem em seu coração: *Iahweh não pode fazer nem o bem nem o mal* (Sf 1,12). Em vista disso, H. Irsigler é do parecer que “Sf 2,1 dirige-se primeiramente ao povo do país de Judá em contraposição ao de Jerusalém”(IRSIGLER, 2002, p. 203). Ele baseia sua afirmação no já empregado termo hebraico *gôy*, ‘povo, nação, gente’ que se refere mais às amplas camadas sociais da população rural do que aos grupos de dirigentes, residentes em Jerusalém (Sf 3,1-4). Na frase *ó nação que nada aspirais*, portanto, ele imagina pequenos agricultores e latifundiários do interior do Reino de Judá. Entre estes pode haver pessoas capazes de ouvir a última chamada de Sofonias e de se converter a Iavé (Sf 2,3b) como também pessoas que agem sem escrúpulos para se enriquecer às custas dos outros (Sf 1,8-13; 3,1-4) e não darão a mínima importância à última chamada de Sofonias. Em todo o caso, o grupo aludido na frase *ó nação que nada aspirais* não pode ser confundido com os grupos corruptos, idólatras e assassinos de Jerusalém para quem Sofonias só ainda anuncia seu fim (Sf 1,4b.11.13). A última chamada em Sf 2,1-3 não será ouvida por esses grupos da capital. Para eles o profeta não vê mais saída, para eles não há mais esperança. Algo semelhante nós encontramos em Jr 34,8-22, onde para alguns grupos de pessoas da sociedade israelita não há mais futuro: *Os príncipes de Judá e os príncipes de Jerusalém, os eunucos, os sacerdotes e todo o povo da terra, que passaram entre as partes do bezerro, eu os entregarei nas mãos de seus inimigos e nas mãos daqueles que procuram sua vida: seus cadáveres servirão de alimento aos pássaros do céu e aos animais da terra* (Jr 34,19s).

O texto hebraico atual no v. 2a, *antes que sejais espalhados como palha que desaparece em um dia*, é de difícil compreensão. Optamos pela tradução da Bíblia de Jerusalém, 2002, que faz pensar numa tem-

pestade desastrosa. Como ela vai provocar muita destruição, assim virá Iavé sobre os israelitas amontoados nas cidades muradas, das quais muitos serão espalhados como palha. Esta mesma imagem do inimigo que vem como tempestade e espalha uma parte da população como palha, aparece em Jr 13,24: *Eu vos dispersarei como uma palha que voa ao vento do deserto* (Is 29,5s). Esta imagem da palha, que é levada embora pelo vento forte, corresponde com o verbo ‘amontoar’. Este verbo aponta para a atividade de cortar as hastes dos cachos de cereais que, depois de juntados em feixes, são amontoados num determinado lugar. Ai os cachos de cereais são batidos para que os grãos sejam debulhados. Estes são recolhidos e guardados, enquanto que a palha, jogada para cima, é espalhada pelo vento e *desaparece num dia* (v. 2a). Esta imagem alude aos israelitas que são espalhados pelo mundo na deportação pelos babilônios.

- b) Na forma de tratamento, o v. 3 *aprocurai a Iavé todos os pobres da terra que praticais seu direito*, se assemelha ao v. 1, pois ambos formulam seus conteúdos no imperativo: *Amontoai-vos* (v. 1), *procurai* (v. 3). As pessoas, no entanto, a quem as frases no vocativo dirigem seus apelos, são muito diferentes, até opostos. Enquanto que no v. 1 os israelitas com suas famílias são convidados a se amontoar como feixes de cereais nas cidades fortificadas e fortalezas e não aspiram nada, os israelitas com suas famílias no v. 3 são convidados a procurar a Iavé e a buscar a justiça e a pobreza. Estes já buscam a Iavé na observância do seu direito, ao passo que as pessoas do v. 1 não aspiram nada, são passivas, indiferentes, vivem num estado de letargia e acomodação.

As frases no imperativo no v. 3, além disso, dirigem-se a grupos diferentes. Enquanto que as frases no imperativo no v. 3b estão voltadas para toda a população israelita, o imperativo no v. 3a está endereçado a *todos os pobres da terra*. H. Irsigler (2002, p. 205), por isso, observa, com razão, que o grupo de pessoas do v. 3a está bastante limitado e bem circunscrito em hebraicokol ‘*anweyharetz*, ‘*todos os pobres da terra*’. Esta mesma expressão encontra-se no Sl 76,10: *... quando Deus se levanta para julgar e salvar todos os pobres da terra*. A formulação ‘*todos os pobres da terra*’ ou simplesmente os ‘*pobres da terra*’ parece referir-se a um grupo de pessoas bem definido e concretamente caracterizado. Nisso o v. 3a distingue-se nitidamente do v. 3b. O apelo do v. 3b volta-se para todas as pessoas, sem exceção. Isto leva Irsigler(2002, p. 205) a considerar o v. 3a uma adição posterior, elaborado por um redator que pertence ao grupo dos ‘po-

bres da terra'. Ele criou o texto do v. 3a e o colocou na frente do v. 3b (IRSIGLER, 2002, p. 206). Aliás, desse mesmo redator provém, conforme Irsigler (2002, p. 205), certamente ainda os textos Sf 1,6 e 3,11-13. Esses três textos, Sf 1,6; 2,3a e 3,11-13, são muito semelhantes, revelam a mesma mentalidade e parecem ser escritos pela mesma pessoa; eles se interligam e se complementam (IRSIGLER, 2002, p. 206).

O nome e a denúncia da triste realidade dos 'pobres da terra' originaram-se, segundo Irsigler (2002, p. 205), a partir dos oráculos do profeta Amós: *Ouvi isto, vós que esmagais o indigente e quereis eliminar os pobres da terra* (Am 8,4) e do profeta Isaías: *Ele julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra* (Is 11,4). Os 'pobres da terra', nessas duas passagens, são claramente os pobres no sentido social e econômico e, nesta condição, eles são ainda violentamente oprimidos e explorados (Jó 24,4). Os profetas optaram por eles e os defendem, denunciando as injustiças cometidas contra eles.

Os 'pobres da terra' em Sf 2,3a são conclamados a buscar a Iavé. Estes, então, são o contrário daqueles israelitas de Sf 1,6: *... os que se afastam de Iahweh, que não o procuram nem o consultam*. Os 'pobres da terra' no v. 3a já estão praticando o direito de Iavé, isto é, seu projeto e sua vontade. O apelo feito a estes tem, para Irsigler (2002, p. 206), o sentido de encorajá-los nesta sua opção por Iavé para que não esmoreçam e nem desanimem. Vivendo assim eles são o *Resto de Israel, um povo pobre e humilde que procura refúgio no nome de Iahweh* (Sf 3,12s).

c) O tema dos 'pobres de Iavé' é muito rico no AT. Vamos acrescentar mais algumas reflexões sobre este assunto. Assim, para Irsigler (2002, p. 206), os 'pobres da terra' em Sf 2,3a e 3,11-13 se assemelham bastante àqueles que procuram a Iavé e buscam sua face, nos Salmos, que se expressa sobretudo na participação deles da liturgia: *Esta é a geração dos que o procuram, dos que buscam tua face, ó Deus de Jacó* (Sl 24,6; 27,8; 105,3s).

E, além disso, os 'pobres da terra' são aquele grupo de pessoas que buscam ser fiel a Deus em todos os momentos da vida, como Jr 29,12s sintetiza tão bem: *Vós me invocareis, vireis e rezareis a mim, e eu vos escutarei. Vós me procurareis e me encontrareis, porque me procurareis de todo o coração* (Dt 4,29; Is 51,1; 65,1; Sl 9,11; 40,17; 69,7; 78,34; Pr 28,5; Esd 8,22s).

O grupo dos ‘pobres da terra’ (Sf 2,3a) ou o ‘resto de Israel’ fiel a Iavé (Sf 3,12s) sempre existiu ao longo da história do povo de Israel, apenas seus nomes mudaram. Espontaneamente nos vem à mente o grupo de Noé, de Abraão, de Moisés, dos profetas, de Jesus. Esse grupo poderia ser reduzido até a apenas uma só família, como a de Ló, sua mulher e suas duas filhas (Gn 19,15-26), mas sempre existiu. O grupo dos ‘pobres da terra’ ou também chamado de ‘pobres de Iavé’ é uma grandeza social que, conforme Irsigler (2002, p. 206), se formou e cresceu de importância sobretudo no período pós-exílico, sob o domínio dos persas, nos séculos V e IV a.C. Para ele, especialmente nos Salmos se fala dos ‘pobres de Iavé’: eles são os protegidos de Iavé (Sl 147,6); Iavé os instrui no seu direito e lhes ensina seu caminho (Sl 25,9); ele lhes dá comida, eles o louvam e se alegram nele (Sl 22,27; 34,2s; 69,33s); *os pobres possuirão a terra e se deleitarão com paz abundante* (Sl 37,11). Ele até chega a pensar que, no Sl 149,4s, se alude a toda a comunidade de Israel, reunida para a liturgia, no tempo pós-exílico. Esta comunidade de Israel, reunida em assembleia para o culto, se entende como os ‘pobres de Iavé’. Em vista de tudo isso, ele conclui:

Assim, em Sf 2,3a, não se trata de um ‘partido’ dos pobres, mas antes de uma camada ou grupo, espiritualmente determinado, de fiéis a Iavé na terra de Judá, no tempo pós-exílico, no tempo dos persas, no século V ou até no IV a.C. ... É possível que nós devemos a interpolação do v. 3a a um representante desta camada ou grupo (IRSIGLER, 2002, p. 206).

Quando a Bíblia Hebraica foi traduzida para o grego, meados do século III a.C., a expressão hebraica ‘pobres da terra’ em Sf 2,3a foi traduzida em grego por *tapeinoigúés*. Desta forma eles continuam a existir, conforme H. Irsigler (2002, p. 211), pois eles estão na base e subjazem em algumas bem-aventuranças em Mt 5,1-12. O evangelista Mateus, com muita probabilidade, se inspirou e se apoiou em Sf 2,3 e 3,12-13 para formular suas bem-aventuranças. O texto de Sf 2,3: *procurai a Iahweh vós todos, os pobres da terra, que realizais a sua ordem. Procurai a pobreza*, certamente inspirou a bem-aventurança em Mt 5,3: *felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus*. E o texto em Sf 2,3: *procurai a justiça* está na base da bem-aventurança em Mt 5,6: *felizes os que têm fome e sede de jus-*

*tiça, porque serão saciados.* Estes exemplos bastam para mostrar a dependência do evangelista Mateus do texto profético de Sofonias.

O v. 3b, *procurai a justiça, procurai a pobreza, talvez sejais protegidos no dia da ira de Iavé*, é a continuação lógica de Sf 2,1-2c. A convocação ao amontoamento do povo que nada aspira para as cidades fortificadas e fortalezas do território de Judá (v. 1), fundamentada e motivada pela ameaça de destruição, visava sacudir a população, arrancá-la de sua letargia e indiferença, sair de sua postura de não querer nada com nada. A ameaça de destruição se refere tanto aos feixes de cereais amontoados nos locais de proteção diante do exército inimigo, pois sua palha será dispersada pela tempestade, como aos restos das hastas que se encontram nas roças, porque eles serão consumidos pelo fogo do ardor da ira de Iavé. A seriedade da situação para a população israelita não pode ter sido pintada com mais detalhes e de modo mais concreto. Não há mais tempo a perder. A busca da justiça e a procura da pobreza são para aqui e agora. E mesmo assim esta conversão para Iavé não oferece nenhuma garantia de que não se vai sofrer as consequências da intervenção furiosa de Iavé. O advérbio ‘talvez’ deixa, no entanto, a porta aberta.

O apelo sério e insistente do profeta em Sf 2,3b: *procurai a justiça, procurai a pobreza*, é único em toda a Bíblia. O que o profeta Sofonias explicita com este forte convite: *procurai a justiça*? Este apelo, em hebraico *baqutzedeq*, ‘procurai a justiça’, é, segundo Irsigler (2002, p. 207), muito frequente no ambiente sapiencial. Nos escritos do AT, a ‘justiça’ não é apenas uma virtude, mas um programa de vida pessoal e comunitário. Isto se manifesta em Pr 21,21: *Quem procura a justiça e o amor encontrará vida, justiça e honra* (Pr 15,9; Dt 16,20; Is 1,17; 16,5; 51,1; Ez 18,22).

O termo ‘pobreza’, em hebraico *anawah*, é também muito empregado em círculos sapienciais. Nos escritos sapienciais a ‘pobreza’ é entendida, segundo Irsigler (2002, p. 207), como solidariedade para com as outras pessoas, promovendo-lhes a vida. Muitos, no entanto, traduzem o termo hebraico *anawah* por ‘humildade’, isto é, por simplicidade diante de Deus e das pessoas, cujo oposto é a prepotência e a arrogância. Pr 22,4 destaca os frutos da pobreza ou da humildade: *O fruto da pobreza/humildade é o temor de Iahweh, a riqueza, a honra e a vida* (Pr 15,33; 18,12; Eclo 3,17-19). Irsigler (2002, p. 207) sintetiza seu pensamento afirmando que “em Sf 2,3b-d a relação entre ‘justiça’ e ‘humildade’ tem como tônica uma atitude

que promove a comunidade e a vida da comunidade, protegendo especialmente os membros mais fracos”. Em termos de conteúdo Sf 2,3b-c está muito próximo de Mq 6,8. Nessas duas passagens encontra-se, segundo Irsigler (2002, p. 207), um programa de vida: caminhar com Deus, praticando a justiça e amando a bondade: *Foi-te anunciado, ó pessoa, o que é bem, e o que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus* (Mq 6,8). A passagem Mq 6,8 é, para Irsigler (2002, p. 208), um texto pós-exílico da época persa. Abstraindo-se das diferenças entre as duas passagens em termos de contexto histórico, forma de falar, tendência formativa e instrução, elas oferecem, para ele, uma bela síntese do que é chamado de ‘unidade entre fé e vida’.

O autor relaciona Sf 2,3b-c também com o profeta Isaías de Jerusalém, em cuja tradição o profeta Sofonias igualmente se encontra. Ele percebe isto na relação entre Is 6,1-11, em cuja visão majestosa de Iavé, Isaías percebe sua pobreza e impureza. E Is 5,16, onde se explicita que *o Deus santo mostra sua santidade pela justiça* (Is 2,12-17; 3,8; 3,16-4,1).

Às pessoas que seguem o programa de vida: pobreza e humildade diante de Deus bem como justiça e solidariedade para com as pessoas, o profeta Sofonias anuncia uma possibilidade de salvação: *talvez sejais protegidos no dia da ira de Iahweh* (v. 3d). Irsigler (2002, p. 208) relaciona Sf 2,3d com os oráculos do profeta Amós. Este atuou mais ou menos uns cento e trinta anos antes. Ele tem também um oráculo, no qual há igualmente um ‘talvez’: *Odiai o mal e amai o bem, estabelecei o direito à porta; talvez Iahweh, Deus dos exércitos tenha compaixão do resto de José* (Am 5,15). Em Am 5,4 o profeta apresenta a mesma condição de sobrevivência como o profeta Sofonias. Eis o oráculo de Amós: *Assim falou Iahweh à casa de Israel: Procurai-me e vivereis!* (Am 5,4-6). Seus oráculos se realizaram pouco depois, transformando o Reino do Norte, em 733 a.C., num tronco desbastado e em 722 a.C. ele até deixou de existir.

O autor observa que Sofonias emprega, no v. 3d, o verbo hebraico *satar*, que tem tanto o sentido de ‘esconder-se’ como de ‘ser protegido’. É nisto que o profeta Sofonias talvez esteja pensando. Diante da tempestade do exército inimigo e do fogo abrasador, alguns conseguem se esconder e assim seriam protegidos diante da ira de Iavé. Ele resume sua reflexão assim: “Mesmo que os judeus cumprissem

as exigências proféticas de Sf 2,3b-c, é somente um ‘talvez’, um lampejo de esperança, que se lhes abre, não é garantia de salvação” (IRSIGLER, 2002, p. 208).

A análise de Sf 2,1-3 revelou que a mensagem de Sofonias, através desta perícopé, está endereçada a uma ampla camada de israelitas; ela não se dirige, em primeiro lugar, às lideranças políticas e econômicas do Reino de Judá, residentes em Jerusalém. A convocação ao amontoamento do povo que nada aspira (v. 1) do interior do Reino de Judá faz pensar numa junção de pessoas que se amontoam nas cidades fortificadas e nas fortalezas (Sf 1,16) e que assim querem se proteger e se salvar diante da tempestade do exército inimigo (Jr 4,5s; 8,14s). O profeta não é contra essa estratégia de procurar proteção diante do eminente perigo da invasão do exército babilônico. Só que ao comparar esse povo amontoado como feixes de cereais, ele quer lembrar que a palha dos cereais é um material que facilmente é espalhado pelo vento e é altamente inflamável. Se o profeta está pensando na invasão do exército babilônico no tempo de Nabucodonosor nos anos 597 e 587 a.C., então este tipo de segurança é enganoso e frágil. Pois, de fato, uma parte de israelitas foi deportada para a Babilônia, outra parte foi morta e uma terceira foi salva. Esta mesma desgraça, Sofonias anuncia para as cidades filistéias em Sf 2,4: *Sim, Gaza será abandonada, Ascalon será um deserto, Azoto, em pleno meio dia, será expulsa, Acaron será desarraigada*. Isto aconteceu através do exército de Nabucodonosor em 604 a.C.

Com esses anúncios de destruição, exílio e morte, o profeta quer acordar a população que nada aspira. Ele visa tirá-la de sua letargia, indiferença e passividade e dispô-la para o que esse povo mais necessita nesta hora dramática e séria: Buscar a justiça e a pobreza (v. 3), isto é, pobreza e humildade diante de Iavé, traduzida social e eticamente em justiça e solidariedade para com as outras pessoas, especialmente as economicamente fracas e as legalmente dependentes. A vivência desse programa de vida, com espiritualidade e mística, ‘talvez’ pode proteger no dia da ira de Iavé (Mq 6,8).

## CONCLUSÃO

O assunto da justiça e da profecia a serviço da vida no evangelho segundo Mateus e a análise exegética da perícopé Sf 2,1-3, contendo sobretudo o apelo de última hora: *buscai a justiça e a pobreza, talvez sejais*

*protegidos no dia da ira de Iavé*, permite tirar algumas conclusões. Esta temática no evangelho de Mateus e este convite insistente de Sofonias revelam uma solicitude do próprio Deus que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (Ez 18,1-32; 33,10-20). Mas, por outro lado, respeita a liberdade humana, mesmo que ela conduza a pessoa ao sofrimento e à sua autodestruição. A descrição da vivência da justiça e da profecia de Jesus tem como objetivo a conversão de judeus e de cristãos ao Reino de Deus e essa última chamada de Sofonias visa sacudir principalmente a população israelita do interior do Reino de Judá para que escolha decididamente a vida e a felicidade e não a morte e a infelicidade (Dt 30,15). Esta derradeira exortação, em forma de ameaça, e a apresentação de Jesus como o Justiceiro de Deus revelam o amor de Deus que só quer o bem do seu povo.

Esta conclusão manifesta o rosto justiceiro de Deus tanto do evangelista Mateus como do profeta Sofonias. Este rosto de Deus, o profeta certamente descobriu no ambiente religioso de seus antepassados com nomes javistas, isto é, formados com uma parte do nome do Deus Iavé. E da sua origem cuchita e africana. Este contexto religioso forjou nele a fé no Deus Iavé, o Libertador da opressão egípcia. E o evangelista Mateus testemunha que Jesus cumpriu toda a justiça, isto é, a vivência correta em relação a Deus, às pessoas e ao mundo criado.

Outra conclusão refere-se à atualidade da mensagem mateiana e sofonia-na para a nossa realidade. Também hoje há pessoas empedernidas na injustiça e corrupção que dificilmente vão dar importância a um apelo tão sério relativo à procura da justiça, da profecia e pobreza. Mas, há também pessoas que mudam de vida e buscam a justiça e a pobreza como um programa de vida com mística e espiritualidade.

Outra conclusão refere-se à convicção do evangelista Mateus e do profeta Sofonias de que Deus pode tardar, mas não falha. Ele intervém na história, mesmo que tenha que usar o exército babilônico que era cruel, opressor e exterminador ou enviando seu próprio Filho ao mundo. Esta intervenção de Deus na história, Sofonias chama de ‘Dia de Iavé’. E o evangelista Mateus anuncia, pela boca de Jesus por ocasião do seu batismo, que ele veio ao mundo para cumprir toda a justiça. Não há profeta vétero-testamentário que a descreva com tantos detalhes e com tamanha intensidade do que Sofonias. A expressão ‘Dia de Iavé’ já foi usada por profetas anteriores a ele.

Parece-nos oportuno concluir esta pesquisa sobre o profeta Sofonias, com a análise de um oráculo seu, e sobre Jesus, o Justiceiro de Deus, com a letra de um hino, muito cantado nas nossas comunidades:

“Profetas te ouviram e seguiram tua voz; andaram mundo a fora e pregaram sem temor. Seus passos tu firmaste, sustentando seu vigor. Profeta, tu me chamas: vê, Senhor, aqui estou”.

## JUSTICE AND PROPHECY TO SERVE THE LIFE

*Abstract: the study of the subject “justice and prophecy to serve the life” has two parts. At first, The author points out the message and the practice of justice and prophecy lived by Jesus in the Gospel of Matthew. In the second part, he analyses an oracle of the prophet Zephaniah. This urban prophet with African origine invited all to poursuit Yahweh God, the justice and poverty as possibility of salvation.*

**Keywords:** *Justice. Prophecy. Poverty. Life.*

### Referências

- BACHMANN, Garcia Mercedes. O ‘Resto’ em Sofonias: Os que unem o cultural com o ético. *RIBLA*, n. 35/36, p. 224-230, 2000.
- BALANCIN, Euclides M.; STORNILO, Ivo. Como ler o livro de Sofonias: a esperança vem dos pobres, São Paulo: Paulinas, 1991.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 2002.
- BONORA, Antonio. Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações: sofrimento, protesto e esperança, São Paulo: Paulinas, 1993.
- GORGULHO, Gilberto. Sofonias e o valor histórico dos pobres. *RIBLA*, n. 3, p. 26-35, 1989.
- IRSIGLER, Hubert. Zefanja, Zefanjabuch. I. AltesTestament.In: \_\_\_\_\_. *LThK X*.Freiburg: VerlagHerder, 2001, p. 1392-1394.
- IRSIGLER, Hubert. Zefanja, HThKAT. Freiburg: VerlagHerder, 2002.
- SAND, Alexabder. Das Evangeliumnach Matthaueus, Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1986.
- SOARES, A. G. Sebastião. Sofonias, filho do negro, Profeta dos pobres da terra. *RIBLA*, n. 3, p. 21-25, 1989.

STORNILO, Ivo. *Como ler o evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. São Paulo: Paulinas, 1990.

ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

\* Recebido: 10.07.2011.

Aprovado: 28.07.2011.

\*\* Doutor em Teologia Bíblica pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, São Leopoldo (RS). Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Porto Alegre (RS) e nas Faculdades Palotinas, Santa Maria (RS). *E-mail*: pedrokramer@estef.edu.br